

Vida Económica

04-12-2015

Periodicidade: Semanal

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 26000

Temática: Indústria

Dimensão: 189

Imagem: N/Cor

Página (s): 7

METAS DA ADMINISTRAÇÃO ERAM IRREALISTAS

Engenheiros da Volkswagen manipularam os dados para atingir objetivos

A informação completa e sem compromisso sobre o que se passou é a condição prévia para a reorganização indispensável de que a Volkswagen necessita – esta é a mensagem dirigida aos empregados por Matthias Muller, o novo CEO da Volkswagen.

Na sequência do escândalo que envolve a falsificação dos dados dos motores diesel, os técnicos da Volkswagen passaram às confissões, admitindo a existência de um sistema onde imperava a palavra dupla para corresponder aos objetivos inatingíveis.

Volkswagen era dirigida como uma monarquia absolutista

Estima-se que 10 pessoas estarão diretamente implicadas na manipulação dos dados de CO₂.

Entre as práticas ilícitas utilizadas nos testes, admitiram o enchimento exagerado dos pneus com uma pressão acima de 3,5 bars e a mistura de gasóleo ao óleo do motor para reduzir o atrito e baixar artificialmente o consumo de combustível.

Apesar de não estar estabelecido que a Administração da Volkswagen tinha conhecimento ou ordenara a alteração dos dados, para os empregados envolvidos a origem das fraudes é evidente. Como estavam na impossibilidade técnica de atingir de forma legal os objetivos fixados por Martin Winterkorn, o CEO que dirigiu a empresa desde 2007 até ser forçado a sair em outubro passado – os engenheiros não se atreveram a revelar ao ambicioso gestor as emissões verdadeiras, com receio de sofrerem represálias. Para uma empresa onde a técnica tem a primazia e onde os engenheiros dominam, o sistema tornou-se aberrante e fora de controlo.

“A Volkswagen era dirigida como uma monarquia absolutista. O que não estava autorizado não tinha o direito de existir. Eram dadas instruções com base em objetivos e ninguém se atrevia a dizer que isso não era possível, não era tecnicamente executável” – refere um colaborador. Ninguém falava de um problema ao CEO sem que a isso fosse obrigado. Mesmo quando um projeto não podia ser concluído no prazo, ninguém se atrevia a pedir uma prorrogação.

A VW era dirigida como uma monarquia absoluta. O que não estava autorizado não tinha o direito de existir.

Esta cultura do medo tinha uma longa tradição, criada nos anos 90 por Ferdinand Piech e mantida pelo seu sucessor Martin Winterkorn.